

SALA SÃO PAULO: A APOSTA EM UM SONHO

Nosso melhor espaço de concertos, resultado de um projeto abraçado por um grupo empreendedor, muda a face do velho centro da cidade e cria uma cultura de freqüência a espetáculos de música clássica

20 horas. Dia 9 de julho de 1999. Canhões de luz projetam-se no novo Complexo Cultural Júlio Prestes. Inauguração da Sala São Paulo, a nova sede da Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo. No auditório de 1.509 poltronas, uma platéia engalanada conta com presenças ilustres, como a do presidente Fernando Henrique Cardoso e do governador de São Paulo, Mário Covas, já enfraquecido pela doença que o matará em 2001. Fechada ao público, a estréia da Osesp em sua nova sala teve os ingressos disputados até o último momento. A Orquestra executa a *Sinfonia nº 2*, de Gustavo Mahler, regida por maestro John Neschling e acompanhada pelo Coral Sinfônico do Estado, pela soprano Cláudia Riccitelli e pela contralto Mariana Pentcheva. Curiosamente a sinfonia, mais conhecida pelo nome de *Ressurreição*, é tocada na inauguração de teatros sinfônicos de todo o mundo. "Para o público leigo, ouvir a *Ressurreição* pela primeira vez é duro. Mas o Neschling não abriu mão da seriedade da escolha", diz Antônio Angarita, hoje vice-diretor acadêmico da Escola de Direito da GV. Aquela data marcava justamente a ressurreição da Osesp, no seu novo endereço. Até então tinham de se contentar em fazer música no Teatro São Pedro, impróprio para grandes concertos.

O saguão da antiga Estação Júlio Prestes, da extinta Estrada de Ferro Sorocabana, foi reformado e restaurado para abrigar a Orquestra, dando lugar ao Complexo Cultural Júlio Prestes. O plano original não foi desfigurado. O projeto arqui-



tetônico do edifício da Estação foi assinado por Ramos de Azevedo e executado pelo engenheiro Samuel das Neves e pelo arquiteto Christiano Stockler das Neves.

O prédio da estação da antiga ferrovia que ligava Sorocaba a São Paulo, com seus vitrais e com sua imponente torre de 75 metros, foi construído entre 1926 e 1938. Parte do complexo da Júlio Prestes que abriga o primeiro teatro sinfônico do Brasil já foi palco de atrocidades e torturas a presos políticos na ditadura militar. Parte dele abrigou o DOPS (Departamento de Ordem Política e Social), a polícia política, de triste memória. Hoje o Complexo Júlio Prestes hospeda também os escritórios da Secretaria Estadual da Cultura. No anexo do prédio ainda funciona a linha B da Companhia Paulista de Trens Metropolitanos (CPTM), ligando São Paulo a Itapevi.

Perto do palco há um elevador para transportar o piano. O complexo conta, ainda, com um teto móvel para ajustar a acústica da sala ao tipo de espetáculo

Durante as obras o hall da Estação foi reformado para dar lugar a um anfiteatro. Perto do palco há um elevador para transportar o piano da sala. O complexo conta, ainda, com um teto móvel (para ajustar a acústica da sala à necessidade do espetáculo), dois restaurantes, uma biblioteca de partituras, a Estação das Artes – um espaço de 886 m² para a realização de eventos – e um amplo estacionamento. 45 milhões foram investidos nas obras.

Um projeto de empreendedores

As récitas na Sala São Paulo são realidade graças ao empenho de um grupo de administradores públicos que encampou uma antiga idéia de dar uma casa própria à Orquestra. O nascimento da Sala e a nova fase da Orquestra foram acompanhados de perto pelo professor Antônio Angarita, então secretário de Governo e Gestão Estratégica do governo Covas, e pelo seu secretário-adjunto, professor Dalmo do Vale Nogueira Filho.

Esse projeto remontava ao governo Paulo Egydio Martins (1975-1979), na gestão de José Mindlin



"As salas de Amsterdam e Boston, duas das maiores do mundo, têm a dimensão no centímetro da Sala São Paulo. É impressionante", diz Angarita

como secretário da Cultura. Essas conversas partiam da constatação do engenheiro Mário Garcia, um aficionado da música de câmara, da importância de São Paulo ter uma filarmônica (ou seja, uma orquestra financiada essencialmente pela burguesia nacional) e uma sede própria. Garcia, colega de turma de Mário Covas na Escola Politécnica, discutia essas idéias com seus amigos Antônio Angarita e Dalmo do Vale Nogueira Filho.

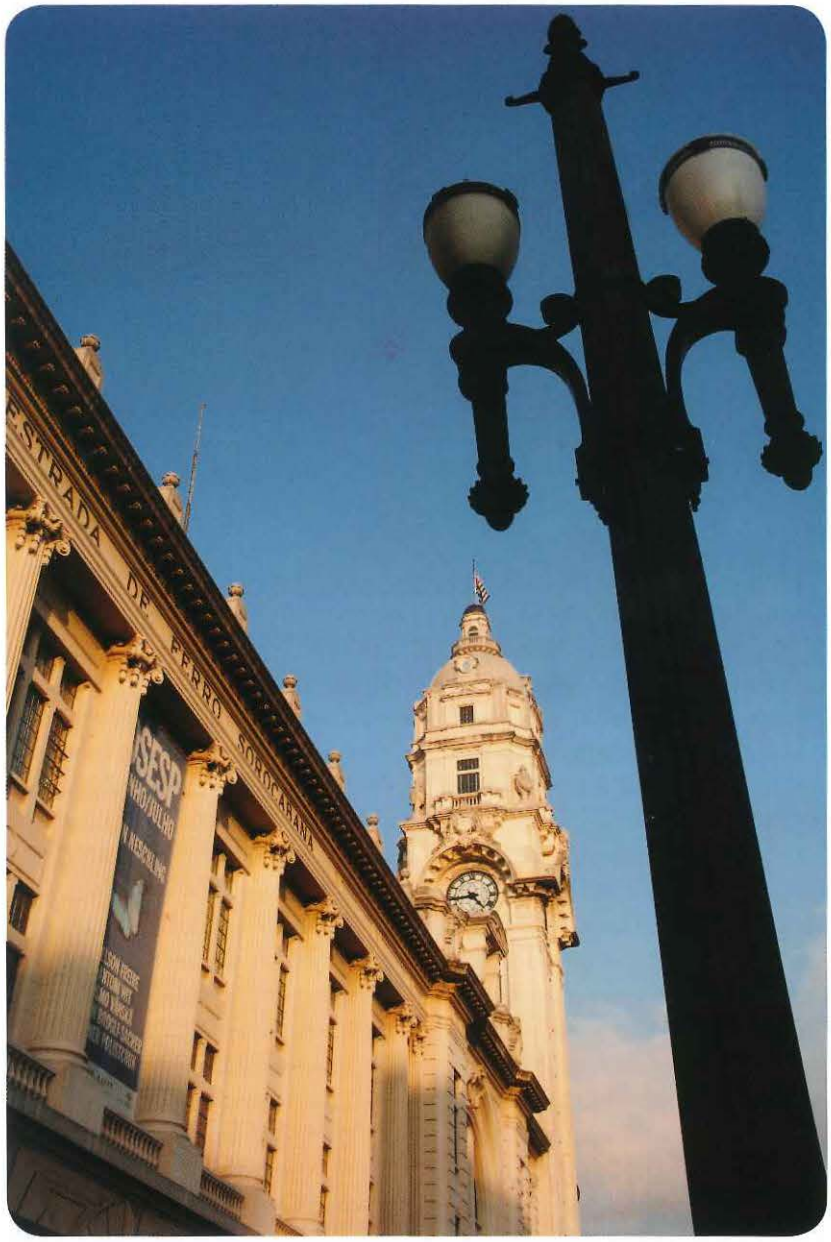
A idéia da sede ganhou novo e decisivo impulso nas discussões durante a formatação do programa de governo do então candidato a governador Mário Covas. Pouco depois de eleito governador, falecia o diretor da Orquestra, o maestro Eleazar de Carvalho, conhecido por iniciativas como os Concertos para a Juventude e o Festival de Inverno de Campos do Jordão. O lendário Eleazar regera a Orquestra por 24 anos, somando os tristes hiatos em que as atividades ficaram paralisadas por descaso do poder público. A Orquestra tocara até então em várias sedes provisórias, todas inadequadas, como o Cine Copan e o Memorial da América Latina.

Com a morte de Eleazar, foi chamado para dirigir e comandar a renovação da orquestra o festejado John Neschling, à época diretor artístico da Ópera de Bordeaux. Uma nova sede para a Osesp era praticamente uma condição de Neschling para aceitar o posto. Então, logo se pensou na Estação Júlio Prestes, à época apenas alugada para eventos. Mário Garcia, já coordenador de Planejamento Estratégico do governo Covas, pediu ajuda a um especialista americano em acústica para salas de concerto. Depois de medir e examinar cuidadosamente o espaço, deu um parecer favorável. "As salas de Amsterdam e Boston, duas das maiores do mundo, têm a dimensão no centímetro da Sala São Paulo. Impressionante", conta Angarita. Não haveria lugar melhor em São Paulo para hospedar uma sala de concertos.

Com o sinal verde do perito, Angarita, Dalmo, Mário Garcia e seus companheiros levaram a idéia da reforma da Estação para o secretário Marcos Mendonça e para o governador Mário Covas. Apesar do tamanho do empreendimento e do custo para concretizar esse antigo sonho, Mário Covas comprou a idéia, que logo se tornou a *pièce de resistance* de seu programa na área da Cultura e da sua propaganda de candidato à reeleição. A Sala São Paulo, com padrão dos espaços sinfônicos da Europa, acabou sendo para Covas o que o Museu D'Orsay de Paris (também construído no espaço de uma antiga estação ferroviária) foi para o presidente francês François Mitterrand. Tanto que, na campanha veiculada pela televisão em comemoração aos 50 anos da orquestra, o locutor em *off* perguntava: "Sabe o que é passar a maior parte dos seus 50 anos de vida sem um teto para trabalhar? A gente sabe".

Já foi dito que a Sala São Paulo é uma ilha em meio a uma região degradada e por muitos anos abandonada pelo poder público. Trouxe novos ares aos Campos Elíseos, bairro que abriga a decadente área conhecida como "Cracolândia", em que o tráfico e a prostituição correm desenfreados. A região merecia – e continua a merecer – uma revalorização. A Sala São Paulo,

bem como o Museu da Energia e o seus vizinhos Estação Pinacoteca e Museu da Língua Portuguesa, este na Estação da Luz, ajudaram a revitalizar o Centro velho da cidade de São Paulo. Todos cartões de visita da agredida cidade.



Da epopéia das obras à Fundação

Das obras à conclusão, aconteceram mil percalços. Era o preço do pioneirismo. Em entrevista a *Getulio*, Dalmo, atual presidente da Sabesp, ri ao recordar uma máquina de escavação que nas obras desequilibrou o lençol freático subterrâneo que ajudava a sustentar as pilastras da Estação. "Havia um risco de o prédio perder a estabilidade", lembra-se. Tudo se resolveu quando foi construída uma parede isolando o lençol freático.

O projeto também suscitou viçosa oposição política e exigiu intrincada engenharia jurídica, principalmente porque o prédio era patrimônio da Fepasa (Ferrovia Paulista S.A.), uma empresa da administração indireta que estava sendo federalizada e deveria, para abrigar a Orquestra, passar para a jurisdição da Secretaria Estadual da Cultura. Uma empresa americana, a Artec Consultants, teve de ser contratada, com dispensa de licitação, para cuidar da acústica da nova sala de concertos. "Ninguém no Brasil entende de acústica de sala de concertos, porque há não sei quantos mil anos não se faz sala de concertos", justifica Dalmo. A saída de Marcos Mendonça da Secretaria e a nomeação de Antônio Angarita na seqüência para substituí-lo interinamente fizeram a obra avançar ainda mais.

Outro problema enfrentado pela Osesp reestruturada era a forma de contratar os músicos, feita no mais das vezes via CLT, pela Fundação Padre Anchieta, o que colocou o Ministério Público, o Ministério do Trabalho e o Tribunal de Contas do Estado nos calcanhares da Orquestra. "Mas com todos esses 'rolos' jurídicos para resolver, em dois anos a sala estava inaugurada", conta Dalmo. Em todo caso, a "era Neschling" elevou sensivelmente o salário dos instrumentistas (em torno dos R$ 5 mil) – todos recrutados após rigoroso processo de seleção, com bancas examinadoras compostas de músicos de renome internacional.

A questão da forma de contratação dos músicos só foi equacionada com a criação da Fundação Osesp, em 22 de junho de 2005 – e seu Conselho de Administração é presidido pelo ex-presidente Fernando Henrique Cardoso. À frente de 280 empregos diretos e cerca de 1.000 indiretos (técnicos de som, profissionais do turismo etc.), a Fundação imprimiu maior profissionali-

zação à administração da Orquestra. O diretor executivo da Osesp, o trompetista Marcelo Lopes, conta as dificuldades antes da Fundação: "Não tendo personalidade jurídica e dependendo totalmente da máquina estatal, a orquestra passava por sérias restrições na contratação de artistas estrangeiros, maestros convidados, locação de partituras e pagamento de royalties". Para simplificar: por meio do Contrato de Gestão, o Estado fornece os recursos que serão administrados pela Fundação. Depois cabe ao Estado fiscalizar a execução das políticas.

Biscoito fino para as massas?

Apesar do nível internacional da Osesp e da sua moderna sede, ainda é tímida a presença do empresariado paulista e nacional no quadro de mantenedores. Os gastos de ambas ainda são pagos basicamente pelo dinheiro público. O investimento das classes empresariais em cultura é bastante comum em outros países. Só para citar um exemplo, o magnata mexicano Carlos Slim Helú, umas das cinco maiores fortunas do mundo segundo a revista americana *Forbes*, investe parte dos seus estimados 39 bilhões de dólares em obras de arte – como esculturas de Rodin – para abastecer a coleção do seu Museu Soumaya (Soumaya é o nome da mulher de Carlos). Cada país tem mesmo os milionários que merece... Apesar do pouco patrocínio dos mecenas da iniciativa privada, a Sala se sustenta com os recursos que vêm do Orçamento do Estado (este ano mais de R$ 38 milhões), da bilheteria, das assinaturas e do aluguel do espaço para eventos.

As vendas de assinaturas para a Temporada 2006 da Osesp estão esgotadas há meses. Quem compra ingresso avulso se queixa que os assinantes garantem sua vaga no concerto, mas acabam não indo. Resultado: ao não avisarem a bilheteria, estes deixam vagas ociosas na platéia, tirando de muitos a oportunidade de fruírem o espetáculo programado. O número de assinaturas saltou de 2.388, em 2000, para 10.400, em 2006.

Restrição recorrente que se faz à Osesp é o seu custo orçamentário, que compromete mais de um quarto da folha de pagamentos da Secretaria da Cultura – incluindo o comentadíssimo salário do diretor artístico, R$ 1,2 milhão em 2005



"A Sinfônica de Chicago custa o triplo e produz, em quantidade, menos do que a Osesp, com ingressos dez vezes mais caros", defende o diretor Marcelo Lopes

–, coisa que não se enquadra nos padrões brasileiros. Nisso o regente pode se ombrear, por exemplo, com o celebre *sir* Simon Rattle, diretor da Filarmônica de Berlim.

Os inspiradores da Sala São Paulo têm a resposta para isso na ponta da língua. "É preciso procurar um padrão desses para puxar o resto. Senão estaremos eternamente voltados para ser Terceiro Mundo", comenta Dalmo. Angarita assina embaixo: "Tem de se guardar coerência com o seu projeto. Não dá para fazer música erudita com cavaquinho".

O controvertido John Neschling não deixa por menos e fez a sua réplica, em entrevista concedida a Paulo César Pereio, no *Canal Brasil*: "Como não existia essa cultura de uma grande orquestra, não existia essa cultura de um grande diretor de orquestra". Verdade é que os maestros internacionais cada vez mais adotam a postura de ídolo "pop". Traçando um irônico perfil do modo de vida dessa geração de regentes, Norman Lebrecht, autor do livro *O mito do maestro*, alfineta: "A companhia em que os regentes viviam modificou-se com seu status ascendente. Um regente de nossos dias cultiva o tipo de gente que conhece em Davos e Saint-Tropez. Ganhando tanto quanto um diretor da IBM, tem interesses

comuns com magnatas do petróleo e corretores de valores".

Certo é que a Osesp, como está, não agrada a todos. O músico Lino de Almeida, colaborador da revista *Diapason*, acredita que ela deveria chegar mais ao grande público e contesta a relação custo-benefício da instituição. "A orquestra deveria tocar de graça ou a preços simbólicos, para o maior número de pessoas, seja na sua sede ou em outros locais, outras cidades do Estado. Porém, o que tem ocorrido é justamente o contrário", critica. Os ingressos para os concertos da Sala São Paulo custam entre R$ 25 e R$ 79. O diretor executivo Marcelo Lopes defende o custo atual para manutenção do nível da Orquestra. "A Orquestra Sinfônica de Chicago custa o triplo e produz, em quantidade, menos do que a Osesp, com ingressos que custam dez vezes mais. O mesmo ocorre com orquestras como Sinfônica de Boston e New York Philarmonic", rebate.



A produção atual: concertos inesquecíveis

Os freqüentadores da Sala São Paulo já puderam ouvir, por exemplo, a melodia do violino de Kuba Jakowicz acompanhado pelo coro da Osesp. Semanas atrás a Orquestra se apresentou com o consagrado pianista chileno Alfredo Perl. A Sala São Paulo também recebeu a Filarmônica de Viena e recital interpretado pelo pianista José Feghali com a *Fantasia Wanderer*, de Schubert. Memorável também foi uma apresentação destacada pelo correspondente no Brasil da revista espanhola *Ópera Actual*, Irineu Franco Perpétuo. "No ano passado, Daniel Barenboim com sua West Eastern-Divan Orchestra, constituída de jovens musicistas de origem israelense e árabe, fez uma apresentação emocionante", lembra-se Irineu, também colaborador da *Folha de S.Paulo*.

A Osesp mantém uma Academia de Música, para formar novos profissionais a partir de aulas práticas e teóricas. A primeira turma foi anunciada em 22 de maio e começou o curso – de dois anos de duração – no segundo semestre de 2006. Foram aprovados (numa seleção de audição e de exame teórico) no processo seletivo apenas oito alunos, que receberão uma bolsa mensal de R$ 1.000. A Osesp também lançou, em parceria com a Editora Moderna, três livros para professores, entre eles *Avaliação em Música: Reflexões e Práticas*, organizado por Liane Hentschke e Jusamara Souza.

Quem quiser escutar a Orquestra em ação sem comprar ingresso e sair de casa pode comprar os três CDs lançados pelo selo Biscoito Fino com a coleção das sinfonias de Beethoven, por R$ 28,90 cada. Ou sintonizar na Rádio Cultura o "Osesp ao vivo".

De 1999 para cá a Orquestra aumentou o número de apresentações, inclusive em turnês. Novos projetos já estão a caminho. Em breve promoverá o Concurso Internacional de Piano Villa-Lobos, para resgatar a obra de nosso maior compositor. Para isso seus diretores já procuraram o apoio financeiro do Ministério da Cultura. Além disso, sua direção planeja aprimorar o sistema de assinaturas, aumentar o número de doações de empresas privadas (mediante ações pontuais) e construir um "boulevard" na área do estacionamento da Sala.

Os incentivadores dessa nova Osesp e os idealizadores dessa sala sinfônica que hoje cria uma cultura de freqüência a espetáculos de música clássica não escondem seu orgulho. Orgulho pelo padrão de excelência – internacional – da Orquestra e de sua charmosa sede. Orgulho pela aposta em um sonho. "Fazer uma obra cultural desse porte na época e no tempo em que foram feitos e num país como o Brasil é uma lança em África. Na Suíça já seria muito difícil", resume Antônio Angarita, com brilho nos olhos. "É uma obra perene."✓